

21 ABR 1993

Joaquim Roriz

P7

# A nova missão de Brasília

Governo Brasileiro

A inauguração de Brasília, há exatamente 33 anos, foi um marco na História do Brasil. Naquela manhã de 21 de abril de 1960, concretizava-se o sonho de Juscelino Kubitschek, de plantar no coração do País uma nova cidade, destinada a impulsionar a interiorização do desenvolvimento e a deixar para trás quatro séculos e meio de uma política estrábica, que só tinha olhos para a faixa litorânea e que considerava o interior como filho enjeitado.

A ousada visão de estadista de JK não se traduziu apenas no traçado urbanístico arrojado da cidade, nem nas linhas arquitetônicas dos seus modernos edifícios-monumentos, nascidos nas pranchetas do gênio chamado Oscar Niemeyer. O estadista se revelou especialmente na concretização da proposta de integração nacional, cujas bases foram lançadas exatamente com a transferência da capital brasileira para o Planalto Central. Não por acaso, Brasília surgiu como a "Capital da Esperança": era o símbolo de um novo tempo para todos os brasileiros, símbolo do rompimento das amarras que atavam o País a um passado de anacronismos, de lançamento do Brasil no rumo de um futuro de desenvolvimento, modernização e prosperidade.

Essa generosa proposta, que teve e Juscelino o idealizador e o artífice, foi abraçada por milhares de brasileiros que aceitaram o desafio e aqui se instalaram. Foram os pioneiros, homens e mulheres que enfrentaram toda sorte de dificuldades para ajudar a construir aquele novo tempo. Sem a coragem, a ousadia e a

fibra dos candangos que participaram da epopéia da edificação de Brasília, o projeto de JK não teria saído do papel.

Juscelino teve um sonho e o transpôs para a realidade. Ao fazê-lo, passou à História como um de seus maiores homens públicos, por ter aberto as portas pelas quais o Brasil ingressou na idade do desenvolvimento. Ele ignorou as vózes do atraso e do pessimismo, o coro dos derrotistas e dos conformados, a cantilena das oposições enquistadas nos privilégios. Sua maior arma foi o otimismo, a certeza de que o País tinha um futuro grandioso pela frente — e, para alcançá-lo, bastaria exercitar duas virtudes, o trabalho e a persistência. Os últimos 33 anos mostraram que ele estava certo.

Alavanca que impulsionou o Brasil em direção ao interior, Brasília pode — pela segunda vez — apontar ao País o rumo do desenvolvimento, pelo exemplo de seu povo. Que não se conforma com o discurso imobilista da crise, que não se acomoda às teses de que nada há a fazer enquanto os problemas econômicos permanecerem irresolvidos, que sabe por experiência própria que a perseverança no trabalho é capaz de operar prodígios, quando temperada pela confiança nas próprias forças. Uma terra em que o governo realiza 500 obras públicas simultâneas, em que mais de 40 por cento das obras de construção do Metrô estão concluídas, onde é consolidada a urbanização de assentamentos que beneficiam mais de 500 mil pessoas, uma cidade que se habilita como forte candidata a sediar os Jogos Olímpicos do ano 2000, que leva adiante um programa de recuperação urba-

na das superquadras como o "Nossa quadra, nossa vida", em que a população se ombréia com o Governo na preservação do bem comum, uma terra como esta tem, certamente, muito a oferecer ao Brasil.

É disso que o País anda necessitando — de trabalho, otimismo e autoconfiança. Tenho afirmado repetidas vezes que a crise econômica não existe. O que temos é uma crise política, crise de desesperança, crise de falta de vontade para resolver os problemas.

Nada melhor que uma data-símbolo como a de hoje para lembrar coisas simples como essas, que podem despertar o Brasil da letargia em que se encontra. Estadistas como Juscelino mostraram, no passado, que a têmpera do brasileiro é capaz de superar qualquer problema, de remover qualquer obstáculo. Basta ter uma bandeira pela qual valha a pena lutar — e esta bem pode se o desafio de erradicar a miséria, de retirar o País da humilhante condição de, com toda a sua riqueza, ser incapaz de alimentar e oferecer vida digna à metade de sua população.

Há três décadas, Brasília cumpriu o papel de fazer o País olhar para si mesmo e ocupar economicamente seus espaços interiores. Nesta fase de imensas dificuldades, ela pode voltar a catalisar forças desenvolvimentistas como pólo indutor de crescimento do Centro-Oeste, região por onde passa, necessariamente, qualquer proposta de superação dos problemas nacionais.

■ Joaquim Roriz é governador do Distrito Federal